



A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA E DAS IMAGENS SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL FORA E DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

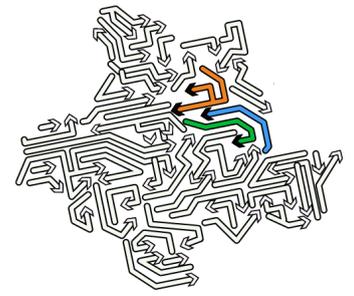
Mariangela de Azevedo

mabekila@gmail.com

Resumo

O texto pretende apresentar o desenvolvimento e construção da pesquisa teórico-metodológica realizada em duas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro com alunos do ensino fundamental e médio. Assim, o trabalho é um relato de experiências da prática profissional nas aulas de Geografia. No entanto, o que será apresentado é somente recortes e observações realizados até o presente instante, já que seu desenvolvimento ainda está em curso no cotidiano das aulas de Geografia. As observações se iniciam a partir da percepção do interesse dos alunos no pedido para assistirem filmes e aulas diferenciadas e ao mesmo tempo se mostrarem desanimados e desmotivados (mesmo com aulas diferenciadas). No entanto, o processo de construção do trabalho, vai além da sala de aula, mas também no entorno em que estão inseridos, onde há a falta de ações do poder público em promover políticas públicas culturais, econômicas e sociais aos jovens em sua maioria negros de periferia. Dessa forma, o trabalho se propõe investigar se o racismo estrutural e institucional arraigados na sociedade é uma das causas da desmotivação escolar vivida por grande parte desses jovens e o quanto as linguagens geográficas podem contribuir no despertar de formação crítica desses jovens.

Palavras-chave: jovens, desmotivação, periferia.



Introdução

Muito antes de iniciar o mestrado, observava o comportamento dos alunos do ensino fundamental e médio durante as aulas de Geografia e até mesmo fora delas. Destaca-se que sempre trabalhei em periferias e com alunos muito carentes. Por isso, uma inquietação que me fazia questionar era o que poderia unir aprendizado escolar com práticas que pudessem contribuir na vivência cultural, social, política e econômica dos alunos. Assim, comecei observar mais a fundo, meios e os motivos de suas principais causas de desmotivação escolar. Sabia que não conseguiria todas as respostas, mas de fato esse não era o principal objetivo, queria ao menos entender o que mais faltava a estes estudantes fora da escola? Isso principalmente na escola de ensino médio em que trabalho há 15 anos, onde poucos jovens se interessam pelos estudos e se mostram com muito desânimo, falta de motivação, desinteresse, apatia, dificuldades no aprendizado. Emerson N; Coutinho S. (2020) destacam que: “[...] dentro da Geografia que se ensina existe um pensamento que muitas vezes invisibiliza a história da população negra e sua importância na construção do Brasil. [...]”.

Nesta perspectiva, a escola tenta motivá-los oferecendo alternativas práticas e na medida do possível, divertidas e supostamente atraentes. Mas, nem assim conseguimos encontrar alunos vibrantes e engajados. Salvo poucas exceções. Nessa jornada, sigo as trilhas movida pela pergunta: “em que momento eu me incomodei?”. Pensando nos jovens como parte de um processo e não como causadores dos problemas. Tal como destacado e pensado na frase: “Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la”. (CARRANO; DAYRELL, 2014, p. 107)

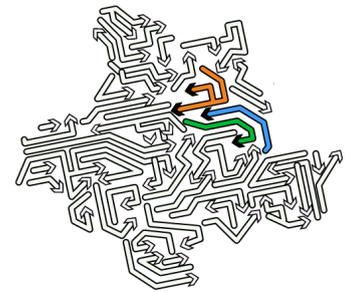
Alguns especialistas falam sobre o assunto e se debruçam em estudos e pesquisas de possíveis razões para a falta de motivação escolar e o elevado número de abandono das escolas, principalmente no ensino médio. Sobre a questão de falta de políticas públicas que contemplem os jovens. Tal como Carrano; Dayrell, (2014) tratam: “[...] os jovens, em especial os dos setores populares, não são beneficiados por políticas públicas suficientes que lhes garantam o acesso a bens materiais e culturais [...]”.



Contudo, minhas inquietações aumentavam quando percebia em minhas aulas de Geografia seus anseios e cobranças por novidades e mudanças, ao mesmo tempo em que não encontrava meios que os agradassem. Me perguntava constantemente quais seriam essas desejadas mudanças? Seriam tecnológicas? Que aulas diferenciadas são essas que preciso descobrir? Com isso, testei diferentes maneiras e abordagens durante os dias letivos ao longo destes 15 anos. Em alguns logrei êxito, porém, na maioria deles tinha muita frustração. Diante dos poucos recursos das escolas, rememorei práticas antigas com novas roupagens. Retomei o uso de filmes, desenhos, grafites, eventos, uso de novas tecnologias aliadas a outros recursos antigos que julgava “fora de moda”. Com isso, compreendi que embora os alunos sejam muito tecnológicos, as práticas manuais e rudimentares ainda surtem efeitos positivos.

Na pesquisa que está em desenvolvimento, preciso situar as escolas que trabalho para melhor compreensão das narrativas e escolhas a serem seguidas, já que adoto uma postura metodológica cartográfica na procura por pistas de investigação nesta pesquisa. Como forma de apresentação e identificação das escolas, estabelece que a escola A é a do ensino fundamental e a escola B do ensino médio. Uma maneira mais didática para falar de cada uma delas, sem precisar mencionar seus respectivos nomes. As duas escolas estão situadas no estado do Rio de Janeiro, na região da Baixada Fluminense. A escola A fica no município de Magé e a escola B município de Duque de Caxias. Os contextos geográficos das escolas, embora sejam muito próximos, possuem peculiaridades. A escola B, apesar de não estar inserida diretamente em área do crime organizado, tem a presença muito mais próxima dessa realidade do que a escola A porque uma quantidade maior de alunos são oriundos de áreas vulneráveis ao crime organizado.

Para alguns alunos, a escola é um dos poucos espaços com a presença do poder público em suas vidas. A falta de políticas públicas condiciona para as crianças e jovens dessas localidades, perda de sentido e baixas expectativas de vida. Sendo os alunos dessas escolas maioria de população negra, a condição racial é o principal fator que além da condição social os coloca em posição de precárias condições de vida. A condição racial os leva à condição social precária. Em contrapartida, embora sofram diretamente essas consequências, não possuem “letramento racial”, não têm clareza de sua raça e inclusive, se afastam veementemente da negritude e da origem indígena da qual pertencem. Para tal, a



escola tem promovido debates, integração e auto reconhecimento. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Pois, observo inúmeras “brincadeiras” e ofensas entre eles principalmente com os de origem negra. De qualquer forma, nos entornos das duas escolas, o poder público não se faz muito presente. Falta infraestrutura, falta saúde, habitação, saneamento básico, segurança, lazer e outras demandas necessárias para uma vida digna, ainda que de maneira simples.

Todavia, uma das coisas que percebo nos alunos, é o espaço escolar como sociabilidade porque preferem ficar na escola, não exatamente nas salas de aula, mas dentro do ambiente escolar. Seja no pátio, refeitório, quadra, corredor, sala de vídeo, etc. Qualquer lugar, menos na sala de aula. Porém, se só puderem ficar nas salas de aula, sendo o único lugar que os resta, ficam muito bem no espaço se não tiverem aulas, se só estiverem com os colegas ou simplesmente com seus celulares. Otimizam o tempo destinado aos estudos do seu jeito, devendo ser o mais breve possível, em que para eles o maior tempo disponível “sem fazer nada” torna-se muito importante. Com isso, percebi que o “não fazer nada” também é pedagógico porque nesses momentos eu os escuto sem pretensão e eles falam abertamente sobre suas vidas, experiências, memórias (olha a Geografia acontecendo!).

As minhas inquietações sentidas enquanto professora de Geografia me trouxeram motivações, curiosidades e anseio de entendimento do cotidiano escolar. Desse modo, minha inserção no mestrado vem desses sentimentos que se misturam e me fazem perceber o quanto a Geografia é rica e pode contribuir com um olhar espacial que é temporal e social ao mesmo tempo. Assim, minha metodologia de pesquisa permite que esta pesquisa se realize a partir das minhas práticas de observação e desenvolvimento das atividades durante as aulas de Geografia, nos desenvolvimentos de projetos ou mesmo em uma conversa casual com os discentes.

A proposta da metodologia da pesquisa surge do exercício profissional na prática, onde desde as indagações iniciais e a tentativa de buscar formas que pudessem alentar na continuidade e prestação do papel de professora de Geografia com responsabilidade e a possibilidade de contribuição na motivação e no interesse dos alunos na percepção do que os cerca de forma crítica e questionadora dos lugares onde vivem e dos serviços que recebem. No momento que conseguirem entender o lugar reservado para eles e até onde lhes é

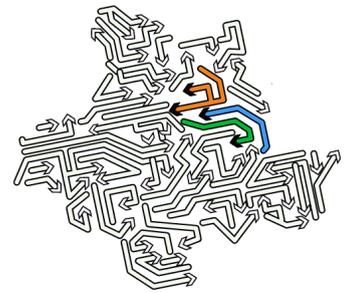


permitido avançar, podem mudar o rumo da história e quebrar a estrutura de cerceamento imposta a eles.

Com a pesquisa, percebe-se que os resultados não são imediatos, vai levar tempo para o diálogo entre a teoria e a prática ocorrer. Assim, a pesquisa propõe a perspectiva teórico-metodológica com aspecto qualitativo. Espero que à medida que avançarem os estudos da pesquisa, as investigações possam trazer elementos que me ajudem compreender os objetivos desejados, frutos de angústias e pistas seguidas diariamente em todas as aulas (sejam intencionais ou não). Minha metodologia não é fechada e rija, pelo contrário, funciona como meandros em direção a mais alcances com estratégias possíveis. Muitas vezes me distancio das indagações para melhor observar e dialogar com as dinâmicas que surgem. O uso de imagens precisa ter sentido nas aulas de Geografia para não parecer um recurso alheio e jogado. Os alunos percebem quando faz sentido a proposta de trabalho. No entanto, nem sempre ocorre com fácil percepção.

Um desses exemplos, ocorreu enquanto trabalhava imagens de relevo no 6º Ano, inicialmente pintaram os relevos e indagavam quais partes eram relevo e se eram mais baixas ou mais altas. A seguir, pedi que construíssem um recorte do relevo à mão livre para colar no caderno de forma que conseguisse ficar de pé. Dois fatos me chamaram muita atenção: o primeiro foi observar que um dos alunos mais agitados que pouco realiza as atividades, fez as duas atividades e ainda ajudou outros colegas. E o segundo foi quando uma aluna me disse que eu poderia ser a professora de artes porque ela gostava de aprender a Geografia assim. Minhas inquietações me levaram a observações que por sua vez me levaram aos questionamentos e seguir as pistas que surgem no caminho. Com isso

[...] Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.228).



Das muitas indagações e observações cheguei ao racismo estrutural como um dos principais motes fundantes das grandes mazelas da sociedade e peremptório na condição econômica e social do Brasil. Muitos autores defendem o ponto de partida das desigualdades sociais no país a partir de questões econômicas apenas. Algumas leituras me conduziram para a questão racial como uma das principais formas de segregação social e do alargamento das disparidades entre ricos e pobres e consequentemente a maioria dos pobres é composta de pretos e pardos, não esquecendo dos indígenas que vivem o terror histórico do apagamento cultural, social e econômico também. Percebi que muitas vezes, a Geografia não contribuiu para o despertar das condições de desigualdades raciais.

A falta de práticas em políticas públicas nas periferias onde as escolas estão inseridas apresenta dentro das escolas a ausência do poder público por se tratar não apenas das questões econômicas, mas que sobretudo raciais. Acredito que as questões raciais são o foco principal que acarreta nas questões sociais e econômicas. O não investimento em lazer para essas pessoas das periferias aumenta a inserção de jovens na criminalidade que cresce de maneira avassaladora. São cooptados por colegas que se envolvem na marginalidade e como uma corrente sem fim, saem levando outros jovens com falta de perspectivas e desmotivados e desacreditados com o ambiente escolar.

Visualmente as duas escolas são de maioria negra. No entanto, se fizesse uma pesquisa de autodeclaração e no quesito raça/cor e perguntasse para cada aluno a qual raça/cor se consideram pertencer, possivelmente as respostas seriam menores em número de negros do que se percebe na realidade. Já que vivemos em um “racismo estrutural”, há um processo de construção da imagem negativa sobre os negros que os distanciam do pertencimento deste grupo.

Sendo escolas com maioria de pretos e pardos que não se reconhecem como tal e de outros com aparências indígenas diluídos e apagados de suas origens. No entanto, essas negações surgem de um processo histórico nesse país como estratégia de inferiorização de raças que ainda causam incômodos e vergonha de pertencimento. Falar em imagem negada, é falar da imagem negra negada é falar da tentativa de extermínio desses povos que habitavam o país como os indígenas e escravizados trazidos para essas terras. Pois, a negação ocorre como fruto da articulação de expurgar esse grupo. No entanto, o principal foco é o quanto os



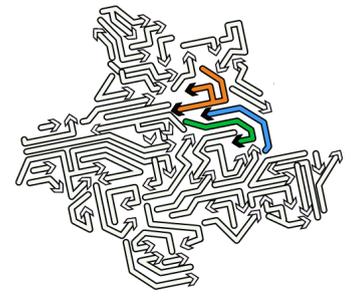
alunos das duas escolas que trabalho com maioria negra dos alunos se afastam de sua condição racial. Fanon (2020) reforça a questão “[...] é pelo interior que o negro tentará alcançar o santuário branco. A “atitude se refere à intenção”. Fanon (2020) tratava da dor

sentida pelo negro sob os atos racistas e inclusive, trabalhava com o adoecimento mental dessa população.

A imagem negada trata da condição histórica do racismo estrutural na sociedade brasileira que exclui a população negra e a incrimina de diferentes formas. A falta de “letramento racial”, coloca os discentes em posição de distanciamento de sua natureza preta ou parda. Se aproximam do considerado polêmico “colorismo”, termo utilizado para mostrar os diferentes tons de pele com um certo distanciamento da origem negra. Portanto, quanto mais “retinto” for o aluno, mais apelidos recebe nas escolas: “feijão, neguinho, tiziu entre outros”.

Para tal, no ambiente escolar, percebendo o avanço excessivo que estavam tomando em sérias proporções, as escolas foram intensificados debates, filmes, palestras com convidados que pudessem esclarecer e os fazer entender os rumos que estavam tomando. Esse é um assunto que não pode ser ignorado na escola, é preciso ser enfrentado para o apoio da escola derrubar de vez o “mito da democracia racial” no Brasil, difundido por Abdias Nascimento quando falava da falsa sensação de que todos são iguais, mas que na prática, é uma forma de silenciamento e de dizer que no Brasil não há racismo.

A representação negra como uma imagem é a imagem que também precisa de políticas públicas em seu enfrentamento. Não é possível nas aulas de Geografia, desvincular o uso da palavra e dos costumes do povo negro porque muitos alunos se sentem ofendidos e nos corrigem dizendo: “negro não! Isso é racismo!”. É importante que conheçam o passado e as demarcações territoriais como limites e cerceamentos que recaem dentro das escolas. Esses fatos não estão isolados, o desânimo, a apatia, as mortes, as violências e outras mazelas sociais observadas dentro e fora do ambiente escolar. Estão alinhados com o racismo e com as diversas exclusões que são obrigados a viver e não questionam ou pouco questionam sobre



seus direitos e o que de fato precisam para uma vida melhor. A conscientização precisa romper barreiras históricas que precisam ser conhecidas e reconhecidas mesmo antes da abolição da escravatura, mas partindo da abolição, é preciso reconhecer as artimanhas a partir da ideia da falsa liberdade concedida aos escravizados desse país.

Diante dos desafios sociais onde os alunos estão inseridos, não há como fazer “vistas grossas” e promover o currículo pré-estabelecido seguindo adiante, simplesmente no interesse do cumprimento de prazos bimestrais. Acredito que o currículo deve se mover e adequar-se às realidades em que se inserem. Podemos adequar o nosso currículo todos os dias. Dessa maneira, pretendo partir de alguns questionamentos que me inquietam de forma permanente durante a prática escolar:

- O que falta aos alunos fora da escola em políticas públicas é realmente levado ao ambiente escolar?

- A ausência de políticas públicas fora da escola pode contribuir na desmotivação dos alunos no interior escolar por serem negros?

Contudo, uma das análises parciais do trabalho já mostram que a falta de práticas em políticas públicas nas periferias onde as escolas estão inseridas, apresenta dentro das escolas a ausência externa do poder público por se tratar não apenas das questões econômicas, mas que sobretudo raciais. As pesquisas apontam que as questões raciais são o foco principal que acarretam nas questões sociais e econômicas. O não investimento em lazer para essas pessoas das periferias aumenta a inserção de jovens na criminalidade que cresce de maneira avassaladora. São cooptados por colegas que se envolvem na marginalidade e como uma corrente sem fim, saem levando outros jovens com falta de perspectivas e desmotivados e desacreditados com o ambiente escolar.

Por fim, nós professores de Geografia podemos contribuir com as mudanças tão necessárias para uma escola melhor e um mundo mais justo. Sabemos como “ler o mundo”, “olhar o outro” e nos abrindo às novas propostas lançadas e usarmos novas propostas de linguagens como aliadas, sem esquecer de nossas lutas diárias pela valorização profissional enquanto categoria de trabalho. Nesse sentido, poderemos ajudar as crianças e jovens no processo de superação das dificuldades existentes nas escolas, sobretudo na superação do



racismo que já foi mostrado inúmeras vezes, mas ainda importante ser tratado para mais adiante, ouvirmos palavras de empenho e conquistas de jovens que hoje, ainda sofrem baixo autoestima de seus corpos negros.

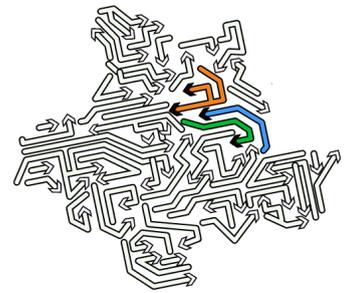
O movimento antirracista deve ser acentuado nas escolas, porque nesse espaço, que é um espaço de construção e formação, também é o espaço de provocações (positivas ou

negativas). O corpo discente, em geral, precisa estar mais atento e preparado para essas questões, pois o racismo nem sempre está visível nos discursos. No entanto, quem sofre o preconceito, sabe o que está sofrendo, sabe diferenciar, ainda que não entenda as causas. Como discentes, não podemos “deixar passar” comentários e atitudes preconceituosas de qualquer natureza. Na prática, vejo que ainda há “passar panos” para o que é considerado “pequenos atos”, mas tomam grandes proporções.

Já que vivemos em um racismo estrutural, destacado por Almeida (2018) “O racismo é estrutural e estruturante da sociedade brasileira”. Então, unir as linguagens na Geografia com a questão racial diante das observações realizadas nos alunos nas escolas da periferia que trabalho, me faz pensar que há uma ligação quase iônica entre eles. Enquanto isso, a Geografia pode ser uma aliada e contribuir no desmonte dessas questões raciais.

Enquanto utilizo os recursos de cada linguagem, penso o quanto nas questões raciais as crianças e jovens dessas escolas podem se enquadrar em outras perspectivas além das abordadas sobre desânimos e desinteresses. A pesquisa pretende apontar ainda caminhos de recuperação e de estímulos do que os aspectos negativos.

O grande desafio tem sido compreender como a Geografia pode contribuir no uso dessas linguagens. Oliveira Jr; Girardi (2011) destacam sobre o espaço geográfico: “Nesta perspectiva, buscar entender o mundo, promover ações educativas em quaisquer linguagens é sempre tocar no ainda não acabado e, portanto, produzir devires que nunca sabemos ao certo onde irão dar”. Compreender se a utilização de um filmes, mapas, desenhos, realização de peças, maquetes, áudios e outras representações estão realmente colaborando na formação do olhar crítico ou despertar dele em busca de ampliação do interesse e vontade de



mudanças e provocar o incômodo, principalmente nos jovens. A Geografia tem me inspirado bastante com a ampliação de linguagens dinâmicas e crescentes. Tais como: Geografias negras, cultural, indígenas, LGBTQIP+, entre outras.

Um exemplo do uso de linguagens geográficas foi no dia 04 de novembro de 2022, dia da favela. Pois, boa parte dos alunos da escola de ensino médio mora em um local apelidado de “favelinha”, que é na verdade um sub-bairro e não aparenta as configurações de uma favela. Surgiu da ocupação de uma área de antiga fazenda que pertencia ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. No local havia plantação de laranja e alguns outros cultivos. A “favelinha” onde muitos moram também é motivo de ridicularização e ofensas. O preconceito contra a favela é o mesmo contra os negros porque a maioria dos favelados são negros. Muitos até saem das favelas, no entanto, para outras favelas. Conforme frase a seguir: “A vida não podia ser assim sempre, uma repetição doida! Quem sabe, sair da favela, ir para outros lugares. Outra favela, talvez?” (EVARISTO, 2017, p. 142).

O trabalho procura reforçar o termo favela e não comunidade. Favela é um nome político e um processo histórico que não pode ser simplesmente transferido para o termo comunidade como se fosse apagar todos os preconceitos sofridos pelos moradores dessas áreas.

A homenagem do dia da favela foi dada a Carolina Maria de Jesus, usamos a linguagem teatral sobre a vida de Carolina Maria de Jesus e a favela, usamos a dança com estilos (funk, samba, pagode e hip hop), desenhos, colagens, pipas, maquetes, poesia, canto e desfile. Entretanto

Nesta perspectiva, a escolha da linguagem ou das linguagens a serem utilizadas se dá prioritariamente tendo em vista os objetivos de ensinar e motivar os alunos e elas (as linguagens) são tomadas, em regra, em suas estruturas linguísticas mais habituais, uma vez que a linguagem na qual o ensinar/motivar é realizado não é colocado sob o foco de discussão. Ela é tomada como estrutura que gera obras (frases, mapas, maquetes, filmes, fotografias, pinturas, peça...) as quais atuam no gesto docente pretendido/realizado/relatado. (OLIVEIRA Jr; GIRARDI, 2011, p.3).

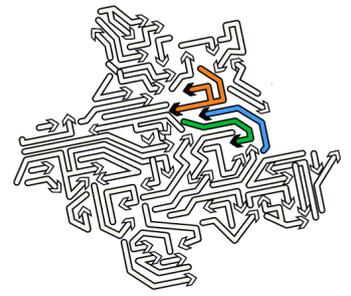
Imagens do dia da favela 2022:



Outra análise parcial dos resultados com o uso das imagens, mostra em um trabalho ainda em construção com os alunos dos terceiros anos do ensino médio, após realização de um desdobramento de um trabalho pelo “dia da favela” em 04 de novembro de 2022, a partir de imagens construídas por eles, verificar formas de inclusão no cotidiano das abordagens sobre industrialização, consumo e consumismo. O trabalho reflete o quanto o capitalismo afeta o cotidiano em nossas vidas, sobre o papel do consumo nas periferias. A primeira etapa do trabalho seguiu a dinâmica que partiu da construção manual de marcas em que cada um se interessa e tem apreço, daí fizeram gráficos sobre os países de origem daquelas marcas e desenharam o logotipo da marca. Tudo de forma manual e do jeito que cada um soube fazer. Já a segunda etapa em construção, trata-se de separar o quantitativo de logomarcas diferentes e repetidas (que se aglomeram em Coca-Cola, Nike e marcas eletrônicas), para uma leitura posterior do consumo, consumismo nas periferias e o trabalho das campanhas de propagandas sobre o consumo e consumismo. Essa etapa, conta com a participação de um *designer* colaborador na exposição dos trabalhos e em uma apresentação mais harmoniosa.

Não à toa o cinema é a sétima arte que tem o desafio de contribuir nos espaços escolares como uma das formas mais acessíveis e populares de recursos. O cinema nas escolas precisa ser visto fora dos moldes das salas de cinema tradicionais. Mas, afinal, o que é o cinema nessa ótica escolar? As posturas são outras, o ambiente é outro e as experiências vão além de um apoio ou ilustração de temas. Cada movimento dos jovens, conversas e olhares (até quando não prestam atenção no que está sendo passado) é único nos cinemas escolares e ainda mais provocativo nas aulas de Geografia, quando mesmo sem querer, observam e comentam elementos e fatos das aulas de Geografia com alguns referenciais geográfico.

Algo que reflito muito é se os alunos pensam nos filmes como cinema tradicional, ou seja, com as exigências de um cinema, qualidade, enfim, até na estética ou se desejam



apenas os filmes de Hollywood e seus formatos. Sobre isso, o cinema nacional é um desafio e até pelo cumprimento da lei 13.006 de 2014 que fala da inclusão do cinema nacional nas aulas. Sobretudo, fiz uma enquete com três turmas de ensino médio, perguntei se assistem filmes nacionais, se gostam e com qual frequência assistem. Também pedi que citassem alguns filmes como exemplos: primeiramente, em todas as turmas ficaram alguns minutos pensativos sobre os filmes nacionais. A seguir, a maioria me disse que gosta, que assiste com frequência (embora os mesmos). Quando me responderam quais, não avançaram além de três filmes; Tropa de elite, Cidade de Deus e Minha mãe é uma peça. Tentei avançar na discussão sobre os dois primeiros filmes para dialogar com a questão racial muito presente nesses filmes, não saíram da discussão da violência e dos bandidos. Assim, pensei quem eram os bandidos e quem mais cometiam violência nesses filmes, percebi o racismo estrutural e institucional lançados nessas imagens. No imaginário de jovens em formação, isso pode se tornar um estrago social e racial para o resto de suas vidas, porque a simbologia presente é a do “bandido bom é bandido morto”. Sendo os bandidos de maioria pretos e pardos pertencentes a esses grupos, os alunos dão um passo para trás enquanto pertencentes a esse mesmo grupo. Araújo Oliveira (2020) “O Estado brasileiro, ao contrário do que se espera de um país que deseja ser democrático, tem sido acusado como um dos principais indutores do chamado genocídio negro”.

Na prática escolar, segue o desafio de associar qualquer assunto em filmes que aparentemente não são abordados. Como por exemplo, o cinema antirracista, provocado a partir de variadas obras em consonância com a necessidade da implementação da Lei Federal 10.639/2003 e o ensino sobre História e cultura Afro-brasileira. Sinto dificuldades também em inserir a cultura Afro-brasileira por conta da forte presença das igrejas neopentecostais em que muitos alunos fazem parte e se recusam experimentar novas culturas e tradições. Mas, isso não me paralisa, “vou encontrando brechas” e aos poucos introduzindo essas questões sem ferir suas crenças e desrespeitá-las. O cinema antirracista é um dos caminhos de enfrentamento ao racismo também por uma outra ótica que não seja apenas a da denúncia e evidência de atos racistas. É preciso mostrar os negros com protagonismo: negros na universidade e inclusive, em cursos de destaque, negros professores universitários, Reitores, Ministros, Delegados, Cineastas e em outros caminhos.



As linguagens geográficas, podem despertar nas questões conflituosas e pouco trabalhadas no ambiente escolar. O racismo é tratado quando surge algum caso de grande repercussão ou na semana da consciência negra. É pouco! Porque ele afeta nossos jovens diariamente quando estão nas escolas, quando vão aos supermercados, em “batidas policiais”, quando soltam seus cabelos.... Ele não dá trégua. Causa dor e distanciamento ao pertencimento dos espaços escolares ou de qualquer outros espaços em que não são acolhidos. Desse modo, a Geografia tem o papel de contribuir nessas mudanças que felizmente já estão ocorrendo (mesmo que lentamente).

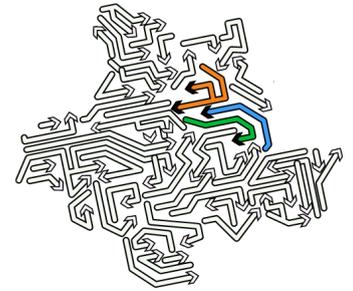
[...] a geografia brasileira tem sido constantemente convidada a repensar seu escopo teórico à luz desses novos processos e atores sociais. Sobretudo no tocante à sua produção escolar, a Geografia enquanto conhecimento escolar não apenas transmite conhecimentos de um segmento científico, mas também contribui para a formação cidadã dos seus estudantes, constituindo, portanto, referenciais para inserção dos indivíduos no mundo em seus respectivos espaços de socialização. (FERREIRA GUIMARÃES, 2020, 296).

Ainda hoje se fala muito do racismo e dos preconceitos existentes na sociedade brasileira, dentro e fora das escolas. Queremos “virar a página”, falar do negro em todas as profissões, carreiras, moradias dignas e valorização enquanto pessoas capazes que conseguiram mudar o rumo de sua condição histórica imposta. Falar de alunos motivados, interessados e articulados com seus futuros. Lembrar do que um regime escravocrata é capaz de fazer em uma sociedade por gerações, mas apenas na lembrança para que não se repita. Compreender acima de tudo, como o ensino de Geografia pôde contribuir de forma significativa para o olhar crítico e valorização do ser humano.

Referências bibliográficas

ARAÚJO de Oliveira, D. (2020). **Questões acerca do genocídio negro no Brasil**. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(Ed. Especi), 312–335. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/867>

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.



Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>
(Acesso em: 17 jun. 2023).

CARRANO, Carla Linhares Maia.; DRVRELL, Paulo Juarez.. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo, Seção 2 Juventude e Escola – Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à Escola**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EMERSON N. dos Santos, R., & COUTINHO Santos, R. (2020). **Desafios para a implementação de uma educação antirracista no ensino de Geografia: os conflitos na prática cotidiana de Professoras(es)**. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(Ed. Especi), 78–108. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/855>

EVARISTO, C.. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas, 3a ed. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA Guimarães, G. (2020). **Geo-grafias negras & Geografias negras**. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(Ed. Especi), 292–311. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/866>

OLIVEIRA, Jr.; GIRARDI, G. . **O cinema como diferença na linguagem do Ensino de Geografia: uma cartografia provisória**. Campinas: *Revista brasileira de educação em Geografia*, v. 10, n. 19. p. 45-66, jan./jun., 2020.